

AS ESCOLAS FAMILÍAS AGRÍCOLAS DO ESPÍRITO SANTO - EFAS

M E P E
CENTRO DE FOR
ANCHIETA

O meu período de contatos com as EFAS dos Espíritos Santo, durou de 12 de outubro a 07 de novembro de 1984.

Este espaço de tempo, de mais ou menos 25 dias, possibilitou um relacionamento direto com a metodologia e vivência prática das EFAS (coordenadas pelo Movimento Educacional e Promocional do Espírito Santo - MEPES) bem como uma apreciação sobre as diferenças estruturais existentes, a nível de conjuntura política, econômica, topográfica e familiar. Diferenças estas que envolvem diariamente o povo Capixaba (do Espírito Santo), principalmente o pequeno produtor rural, tanto do norte como do sul do Estado.

Para tentar explicar a razão da existência das EFAS no meio rural, teríamos que, em primeiro lugar, analisarmos criticamente a estrutura fundiária, em vigor no Estado, bem como as principais políticas de financiamentos e créditos rurais.

A estrutura fundiária é basicamente uma consequência da topografia local (descrição minuciosa de uma localidade ou terrenos), que divide o Estado em dois blocos distintos: Norte e Sul.

No sul do Estado, a região é entrecortada pela sinuosa e torturosa Serra do Mar, onde as terras são geograficamente dobradas com altíssimos morros, dificultando enormemente o trabalho humano. Nesta região predominam os minifúndios, ou seja, região onde ainda o capitalismo não fez muita questão de aplicar suas técnicas e métodos de industrialização rural. Mas também, não é por menos: numa região assim, onde o próprio gado não tem nem o direito de sonhar sossegado enquanto dorme, devido às fortes inclinações das terras, vocês imaginem agora, se as populares empresas de exploração agrícola e latifundiárias iriam comprar e empregar a variedade de implementos agrícolas (como, por exemplo, colheitadeiras (ceifas), tratores, plantadeiras, etc.) em terras deste tipo.

ESTA É A SITUAÇÃO NO SUL...



No momento é absolutamente inviável e impossível ao grande capitalista, faturar seus costumeiros milhões em áreas assim.

De acordo com a opinião dos agricultores locais, é devido a essas dificuldades que prevalece na região uma certa divisão das terras. Onde ainda, cada família possui seu pedaço de chão para plantar e dele sobreviver, cultivando banana, arroz de várzea, feijão, coco da Bahia, bovinos e uma variedade de outras frutas... porém sendo muito explorados na comercialização das mesmas.

Nesta região sul, talvez devido a maior estabilidade rural, prevalece na estrutura familiar, um certo tradicionalismo ou conservadorismo moral-religioso, onde praticamente as outras instituições como Igrejas, Sindicatos, etc. refletem a mesma posição social.

No que se refere ao bloco norte, a figura modifica de cor. Aí as terras são planas, férteis e acessíveis à aplicação de implementos agrícolas. Onde o capitalismo financeiro faz questão de aplicar.

As terras estão praticamente concentradas. Grandes áreas estão nas mãos de empresas reflorestadoras (eucalipto) e do Projeto Nacional Pró-Álcool ("Cana-de-açúcar"). O latifúndio é expressivo, chegando a predominar em certos municípios. A figura que mais aparece é a do "granjeiro-latifundiário", que fatura milhões por dia, em cima do trabalho dos peões.

E NO NORTE, DEVIDO AS TERRAS SERREM PROPÍCIAS À MECANIZAÇÃO...



Estas regiões, além de "mansas", são férteis e atraentes, caracterizadas por extensos vales e planícies, cabendo-lhes seguramente o título de "verdadeiro Celeiro Produtivo"; possuindo inúmeras variedades alimentícias como mamão, banana, café, pimenta do reino, feijão, coco, gado, etc. . . Mas, também, estes vales e planícies são e continuam sendo os "úteros abortivos", de centenas e milhares de bóias-frias e sem terra, que foram expulsos miseravelmente de seu quinhão, e que hoje, mal conseguem o pão que o diabo amassou.

Sem sombra de dúvidas, nesta região, a agricultura é racionalmente explorada, mas em contrapartida o homem é animallescamente sugado.

Esta é uma relação por alto, da situação político-fundiária do Estado Capixaba, que, nos últimos 20 anos vem causando muitas desgraças como: fome coletiva, carestia e desajustamento social.

Foi em meio a esta realidade conflitos, de miséria e exploração, que a partir do ano de 1968, iniciava no Estado do Espírito Santo, com muitos esforços, as primeiras atividades didático-pedagógicas, a nível de Escola Famílias Agrícolas - EFAS - coordenadas pelo MEPES. Este processo educativo, envolveu a participação das comunidades, das lideranças, das famílias e entidades, num esforço conjunto de adaptar e traçar um Plano de Ensino que viesse de encontro às aspirações e interesses dos jovens da roça. Para conseguir isso, basearam-se num projeto das "Casas Familiares Rurais" (CFRs), já existentes na França e na Itália, e que hoje a ASSESOAR está tentando desenvolver na região do Sudoeste do Paraná já que a nossa estrutura fundiária, é bastante idêntica com a realidade Capixaba.

Por isso mesmo, amigo leitor, para o ano de 85, fique de antena ligada, acompanhando todos os artigos que sairão sobre as CFRs, em todos os "Cambotas". Estes artigos vão procurar clarear os seguintes aspectos: Histórico das CFRs, à nível internacional; a metodologia empregada (Alternância, Plano de Estudo, Caderno da Realidade, Serões...); qual é a função e objetivos educativos; a Organização (da casa, monitores, equipes, comissão); qual a participação dos pais, das Comunidades e das Entidades; a Manutenção das Escolas e, por fim, os resultados (positivo ou negativo) desse modelo de escola.

(Sabino Bussanello - Coordenador).

EDUCAÇÃO: a saída para juventude rural

Casas Familiares Rurais (C. F. Rs)

M E P E S
CENTRO DE FOR
ANCHETA

HISTÓRICO

O amigo leitor deve estar lembrado do artigo publicado no último número do Cambota (dezembro), sobre as Escolas Famílias Agrícolas, do Espírito Santo. Escolas estas que estão dando ótimos resultados pra juventude rural.

Este tipo de escola é uma proposta educativa, que procura atingir primeiramente o jovem da roça, principalmente os filhos dos pequenos e médios produtores ou trabalhadores rurais.

No Sudoeste do Paraná, este projeto educativo está em vias de desenvolvimento e implantação, assumida por várias comunidades da região, porém apenas com o nome diferente — Casas Familiares Rurais (CFRs), mas que no fundo possui os mesmos objetivos e sentido, a mesma metodologia e técnica, que as Escolas Famílias Agrícolas (EFAs).

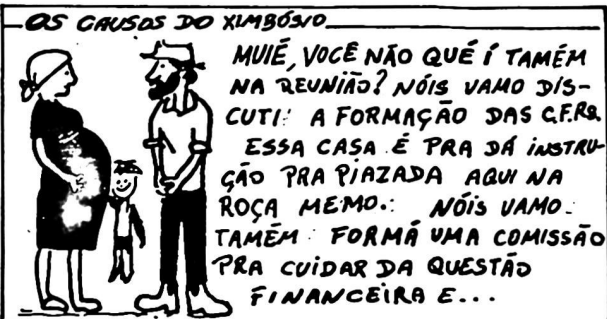
Neste número, analisaremos a História das CFRs, em âmbito Internacional. Procurando sentir, em que momento histórico, geográfico (topográfico), político, econômico, técnico e ideológico surgiu a idéia, a proposta e a criação de um projeto que satisfizesse às necessidades e exigências da realidade da juventude rural; onde a própria juventude fosse capaz de assumir o seu próprio processo de formação, de orientação e preparação para a vida. Aperfeiçoando-se para enfrentar e resolver suas dificuldades e problemas, principalmente o Éxodo Rural (saída pra cidade).

... E foi pelos anos de 1911, que no interior da França (LAUZUN), surgem as primeiras organizações dos agricultores (Cooperativas, Sindicatos, Associações...), sensibilizados e preocupados em resolver os problemas sociais, como a questão dos preços dos produtos, a comercialização, o mercado consumidor, e a formação técnica-profissional dos próprios agricultores rurais e seus filhos.

Com o passar do tempo, a consciência e organização dos agricultores foi crescendo e, em 1935-38, os agricultores, vendo seus filhos saírem da roça, indo pra cidade estudar (em busca de uma vida confortável, de um emprego lucrativo e rentável, e enfrentando uma profissão diferente), perceberam que eles (os filhos) acabavam fugindo e se desintegrando do seio da família (roça) e nunca mais voltando a apoiar e a colaborar com os pais na luta agrícola (essa é a lógica causada pelo sistema capitalista). Frente a isto, os agricultores e alguns jovens mais conscientes, resolveram amadurecer e concretizar a proposta da fundação de uma Escola Rural; que servisse para dar uma formação geral, e que ajudasse a resolver, de uma forma eficaz, os problemas enfrentados pela juventude agrária...

E no início da implantação, tentaram montar um

curso que obedecesse os seguintes critérios básicos: Montagem de um Currículo Integrado: que descrevesse a vida do campo (roça); com um programa do campo; com contabilidade e matemática que exigia a prática e a luta no campo; com uma educação religiosa, moral, política que explicasse a vida do trabalhador rural e que esse currículo, possibilitasse o desenvolvimento de uma agricultura e pecuária (agropecuária) científica e racional, o casionando menos trabalho e mais rendimentos econômico aos pequenos e médios agricultores.



Mas as famílias dos agricultores também estavam preocupadas com os CUSTOS (gastos), que tal proposta iria exigir. Porém organizados, discutiram outras formas de como conduzir e sustentar este tipo de educação.

Conclusão: ao invés de se preocupar em construir uma escola (que seria pesado pras famílias, no início), buscaram dialogar com a Igreja local, para que esta cedesse o uso da Casa Paroquial (Canônica, ou salão comunitário), onde os alunos passariam certos dias por mês, sob forma de internato, estudando e aperfeiçoando-se; e os gastos com alimentação eles (alunos) se responsabilizariam, trazendo os produtos de casa.

As famílias discutiram como iriam conduzir o processo de educação e pensaram utilizar uma Metodologia de Alternância, ou seja, de fazer uma semana na escola (canônica), estudando e praticando; e outras duas semanas na propriedade dos pais, mas com uma observação: que os alunos, assumissem o compromisso de estudar pelo menos 2 horas por dia, junto com os pais...

A Pedagogia (professores), utilizada no início foi: um padre professor; um técnico agrícola do Estado; um professor formado, que junto com as famílias e alunos, fizeram a montagem do Plano de Estudo (pesquisa, "busqueda"), baseado na vivência real dos alunos, no dia-a-dia; procurando dar as aulas teóricas e práticas de acordo com a problemática levantada por eles; e envolvendo constantemente a presença dos pais na escola.

Mas para garantir o real funcionamento desse tipo de educação, os pais se uniram e formaram uma associação, onde eles assumiram ser os últimos responsáveis pra coordenação deste projeto de Escola...

(continuação no próximo nº)

Sabino - Coordenador pedagógico

“Nossa Escola, Nossa Casa”

Casas Familiares Rurais (C. F. Rs)

HISTÓRICO (continuação)

... já conscientes das responsabilidades que tal proposta exigiria, os pais e alguns jovens, decidiram repartir as tarefas, ou seja, organizados em pequenos grupos (comissões), dividiam e assumiam conjuntamente pequenos compromissos práticos, como:

1. Explicação e preparação (conscientização), das famílias e comunidades vizinhas, interessadas em assumir concretamente (Formando a Associação), tal proposta educativa;

2. Fazer um levantamento prático dos alunos, que possuam as mínimas condições básicas para participar da escola, e que pré-decidiram permanecer na roça com os pais, e que estivessem dentro da faixa de idade de 13 a 14 anos, acima;

3. Execução de um levantamento da Realidade sócio-econômica (preços, comercialização, produção, créditos agrícolas, dependências, exploração. . .), enfrentada pelos agricultores, e que isso servisse de base e princípio para os Pais e Monitores, montar o currículo básico, elaborar os conteúdos, adaptar as disciplinas necessárias, bem como organizar e dinamizar a Metodologia (como fazer), apropriada à realidade e vivência de cada aluno;

4. Como se manter? Esta era a preocupação da Associação (pais), que passaram a criar formas de “sobrevivência”, como por exemplo: a) a formação de Comitês para arrecadações; b) realizações promocionais (festas, jogos, diversões. . .);

5. Uma outra preocupação era a preparação orgânica de um quadro ativo de Monitores (professores), que em unidade com às famílias, com a escola e com a comunidade, fossem capazes de coordenar, abordar e dinamizar integralmente os métodos, as técnicas, e os conteúdos, de acordo com os traços de cada localidade, de acordo com o estágio de desenvolvimento de cada comunidade e de acordo com as características particulares de cada aluno.

Porém na França, a repercussão positiva desta proposta educativa, foi tão forte que em 1938-45, com a influência da II grande Guerra Mundial, o regime francês (sob direção do ditador “De Gaulle”) fechou de uma vez por todas, o cerco das reivindicações e organizações populares, obrigando-as a viver e atuar na clandestinidade, principalmente a Ação Católica Rural (A.C.R.).

No entanto, o projeto de escola não parou por aí, mas sentiu-se forçado (para escapar da perseguição), a assumir um novo caráter, resultando com isso, na criação de um novo modelo chamado de “Método Ativo de

Profissionalização Agrícola”. Onde, além de uma completa e recheada formação humana, moral e política, proporcionaria ao mesmo tempo, uma formação que atingiria diretamente a dimensão técnico-profissional, e que na verdade, colaborasse na prática à lida profissional do trabalhador rural.

Nesse espaço de tempo, entre 1948-60, criou-se na França, uma média de 300 a 350 escolas, surgindo daí a “Associação Nacional das Casas Familiares Rurais”. Atualmente existem aproximadamente umas 500 escolas em funcionamento na França.

Somente a partir de 1962, às C.F.Rs, expandiram-se internacionalmente, atingindo a Espanha, Senegal e Itália. E aqui a Itália se sobressai frente as demais, pelo fato de ter encarnado dentro de seu processo de restauração um modelo alternativo de desenvolvimento cooperativista; com muito êxito, distribuindo bem suas terras (formação da pequena e média propriedade) e com programas de incentivo ao pequeno produtor, tanto para aumentar a quantidade e qualidade da produção, quanto para conseguir uma melhoria na comercialização dos produtos. Frente a esta realidade, cria-se na Itália, “Institutos de Profissionalização”, para preparação de: horticultores, fruticultores (viticultores), técnicos em mecânica, campeiro, capataz rural, etc, obtendo-se com isso, ótimos resultados na esfera técnico-agrícola.

Se tal projeto ou proposta educativa obtiver êxito e respaldo popular num país europeu, obterá o mesmo num país latino-americano? Talvez sim, talvez não. Mas no entanto a tentativa surtiu efeitos; e em 1964, (ninguém esquece esta data tão romântica) quando os tambores de guerra ecoavam uivos de segurança, o povo brasileiro engolia em seco o destino trágico e bárbaro da espúria invasão estrangeira. Invasão esta, que até hoje reserva o direito de acariciar-nos como um povo “bonzinho”, “pacífico”, rei do “futebol e do samba”, e que antes de deitar, dorme com o “rosário na mão”, e que jamais esquece de pagar as dívidas contraídas. Esta foi a realidade, aliás, a coincidente realidade, que Pe. Humberto Pietrogrande, encontrou no Brasil, nos seus mais negros anos de ditadura e repressão militar. Frente a realidade de dependência e exploração, principalmente do homem do campo, Pe. Humberto, juntamente com uma equipe de assessoria, buscaram adaptar e ajustar a proposta de C.F.Rs, no então, futuro “país da Democracia”...

(continuação no próximo nº)

Sabino.

MEPÉS
CENTRO DE FORMAÇÃO
COMUNITÁRIA - E.S.

MA ESCOLA DEMOCRÁTICA ?

(C. F. Rs

"Tal sistema, tal escola"

Nada é mais chocante para uma pessoa do que quando alguém lhe rouba, esconde ou "estraga" as suas principais ferramentas (instrumentos de trabalho), mais necessárias na sua luta pela sobrevivência. . .

E sem muitos rodeios, vamos falar logo, das ferramentas e instrumentos utilizados em Educação (Métodos e técnicas); pois "ninguém é mais mentiroso ou hipócrita do que aquele que conscientemente busca seduzir e conduzir inteligências-adolescentes (alunos), num abismo monstruoso, de indiferença e passividade, de estupidez e mesquinhez físico-mental".

Quem seria este sedutor ou (de) formador de inteligências-adolescentes? Provavelmente todos iriam atirar a primeira pedra na figura do professor. Mas acontece que este, por si só, não é o responsável direto pelas inúmeras depravações e neuroses que atinge a globalidade da juventude brasileira. O professor é apenas um dos executores das depravações, assumindo um papel de "domesticador" na Educação Social. Haverão outros, obviamente (principalmente a Estrutura do Sistema Social — ou o Sistema Capitalista em si. . .)

Mas o interessante é que um processo ou programa educativo está sempre vinculado direta e organicamente com os interesses econômicos-políticos-ideológicos, que exerce a classe dominante em poder. Tal poder conta exclusivamente com um aparato ideológico-educativo, bem montado, para defender e legitimar tal natureza de poder.

A "Educação", nesse caso, passa a ser entendida como uma resposta na dinamização e fomentação legal dos privilégios e interesses da classe no poder (Burguesia). Ou seja, a Educação Burguesa, passa a ser uma peça indispensável na manutenção de tal engrenagem.

As ferramentas utilizadas para manter e legitimar tal "status quo", além de divulgá-lo, são as mais variáveis possíveis. . .

Mas aqui, vamos nos deter na análise principalmente de um destes instrumentos ideológicos da classe dominante: A ESCOLA. Para a classe dominante, a escola é indispensável na (de) formação da juventude. Afinal, precisa "fazer a cabeça" desses jovens ávidos por liberdade. E tem mais: é necessário dar o mínimo de instrução para a massa trabalhadora, que se comprime e se aglomera, nos centros industriais. Ou seja, os "ignorantes" devem socializar-se, isto é, devem ser "educados", para tornarem-se bons cidadãos e trabalhadores disciplinados. . .

E com isso, a escola passa a ser um veículo de transmissão de saber (conhecimento), caracterizando-se por uma instituição essencialmente fechada, desligada da vida, dos problemas, da beleza, do prazer. Funcionando como um "pano-morno", abafador de consciências críticas, não refletindo nada daquilo que uma pessoa humana (criança-jovem-adulto), mais sentiria prazer em ver espelhado: a

A (des) ducação nessa escola, aparece de uma forma deturpada e manipulada, frente a realidade de vida grande maioria das pessoas que trabalham e lutam para sobreviver.

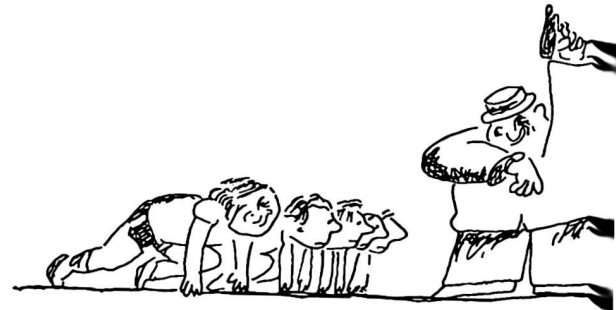
Para estes, a escola é irônica, obrigatória, coercitiva. É naturalmente desnaturada, habitualmente viciada sedimentada numa pseudo verdade — no AUTORITARI MO—LEGAL, tido como legítimo e indispensável. On a "educação" na escola, passa a ser um instrumento controle social disfarçável. Onde em nome da obrigatoriedade e do direito de todos, se exerce a repressão, coerção e a ditadura, sempre sob o comando de altruísmo e humanismo "barato".

Então, "ensinar" e "educar", na escola tradicional significa ter a "LIBERDADE" e o "DIREITO" de mirar as consciências sempre justificando este direito, excedendo-o em nome da Ordem Social, envolvendo-o em timentos, como forma de criar dependências, o afeternura como forma de submissão e servilismo paraco. . . Mas existe um meio de transformar a Escola

Como transformá-la num instrumento de emancipação e de educação das classes menos favorecidas

É bom o leitor ficar de "oio-grande" no próximo número, onde trataremos do principal instrumento O Método de Alternância — das C.F.Rs.

SABI



convite

ENCONTROS DOS SÓCIOS—REPRESENTANTES

DATA: 7 e 8 de junho

LOCAL: ASSESOAR

ASSUNTO:

- Programação das Reuniões nas Comunidades rem realizadas em julho e agosto;
- Discussão do Papel de um Líder da ASSESOA comunidade;
- Estudo da situação Sócio-Econômica-Política.

Contamos com sua presença

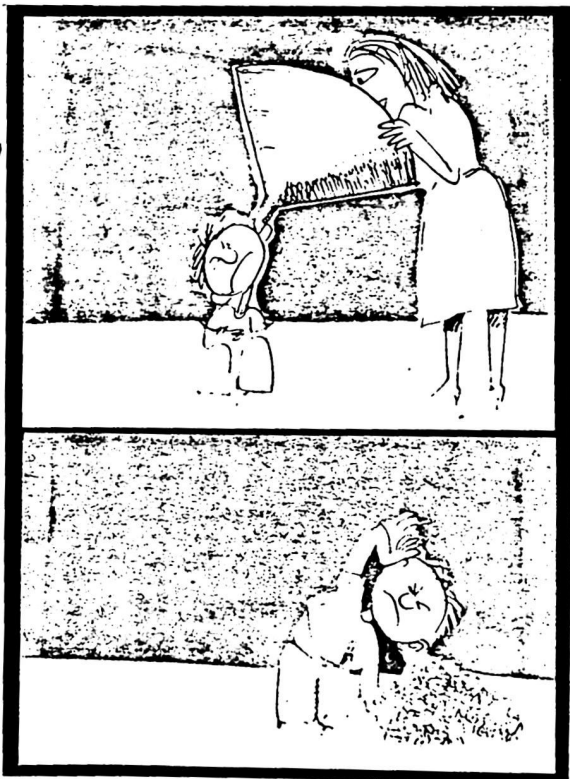
Existe apenas uma forma de educação ?

A METODOLOGIA DAS CASAS FAMILIARES RURAIS (C. F. Rs)

Quais seriam os principais materiais, mais necessários, para um agricultor construir uma boa casa, para morar ele e sua família?

Certamente todos diriam que para alguém poder viver dignamente dentro de uma casa, precisaria, antes de tudo, muitas coisas indispensáveis para a sua construção, como por exemplo: além de dinheiro, seria necessário os pregos, a madeira, tijolos, areia (cimento), ferros, telhas (palhas, galhos, etc), e uma série de outros materiais básicos, não é mesmo???

Porém, alguém poderia perguntar: para "que" essa casa vai servir? Ou "como" ela poderá servir melhor?



Ou ainda, de que "maneira" é que essa casa vai funcionar, vai ser útil???

É justamente aqui, amigo leitor, que gostaríamos de, juntos, poder analisar e avaliar, o valor, a vantagem ou desvantagem, o sentido positivo ou negativo do funcionamento prático (interno) das CFRs.

Se para uma casa poder funcionar bem e servir a alguém, ela deve ter uma porção de coisas (uma infra-estrutura completa), o mesmo acontece com o projeto de Escola das CFRs. Ou seja, para a CFR poder funcionar de acordo com os interesses e exigências da realidade dos alunos-agricultores, ela precisa ter um "jeito" todo especial, uma "forma", uma "maneira" de como fazer e conduzir na prática este projeto de escola. E é especialmente a este "jeito", "forma" ou "maneira", que vai se dar o nome de METODOLOGIA-DIDÁTICA.

Igual ao projeto de construção de uma casa, a Escola (CFR), também possui uma construção que é a sua metodologia, que se fundamenta nos vários instrumentos utilizados para melhor educar. Eis alguns instrumentos desta metodologia: - ALTERNÂNCIA (o Método mais importante); - Plano de Estudo (P.E); - Aulas Teóricas

e Práticas; Excursões e estágios; Visitas às Famílias; Serões; Participação na Vida da Comunidade, etc., onde passaremos a analisar mais adiante, ponto por ponto.

Portanto, as CFRs têm uma metodologia própria, que é "o uso adequado de vários métodos e técnicas (instrumentos ajeitados) de como ensinar e aprender melhor". Ou seja, para se construir uma casa pronta e acabada, é preciso saber a sua finalidade no seu perfeito funcionamento e utilidade e é preciso que alguém a faça. Onde nesse caso, entra a ação dinâmica do pedreiro ou construtor.



O mesmo acontece com a escola, se os responsáveis (alunos, pais, comunidade e animadores) não souberem interpretar, arrumar, coordenar, conhecer e criar a vida da escola, ela pra nada serve. Ou seja, a escola tem que ser um organismo vivo, um veículo ativo e dinâmico, que realmente esteja ligado a vida dos alunos da roça, ligada à natureza e às experiências práticas, onde todos fazem escola (educação), com a participação de todos, sem excluir ninguém. Além da participação ativa e direta dos alunos, dos pais, e da comunidade na vida da escola, ela deve saber utilizar muito bem os métodos e técnicas que, por sua vez, produziram, conduziram e animariam processo de formação e educação dos jovens da roça (alunos).

Explicando melhor: um agricultor sabe ou não o que faz com uma enxada? Por acaso ele tem medo de utilizá-la no seu trabalho? Obviamente que não. O mesmo acontece com quem utiliza os métodos e as técnicas em educação. Os próprios alunos, animadores e dinamizadores (professores-monitores), devem saber utilizá-las perfeitamente, de modo que venha facilitar a auto educação dos mesmos.

Mas falando em educação, nesse caso, quem seria responsável para educar? São apenas os professores autoritários, aqueles que "sabem tudo"? Ou existe uma outra maneira de viver a escola, de ensinar, de educar???

Por detrás destas perguntas se esconde a "Chave-principal", o motivo essencial e a razão do surgimento uma "nova escola", com uma outra forma de educação, apresentando uma outra face, diferente e alternativa, com um jeito próprio (metodologia), de aprender, viver aprendendo à vida toda, sempre partindo das experiências concretas, que envolvem a prática do dia-dia de cada aluno.

Somente com o eficiente emprego do MÉTODO DE ALTERNÂNCIA, é que os alunos serão capazes analisar, pensar e transformar para melhor a sua vida, o seu ambiente. . .

(... Continuação no próximo nº - Sabino)

C. F. Rs - "A VIDA, EDUCA E ENSINA MAIS QUE A ESCOLA"

ALTERNÂNCIA: «Uma parte do tempo na escola, outra na roça»

O principal instrumento utilizado na Educação das CFRs, é uma ferramenta muito simples, chamada de "ALTERNÂNCIA". Por que Alternância? Porque a "Alternância é um MÉTODO que possui um valor natural, muito habitual dentro do processo normal de desenvolvimento biológico e fisiológico de qualquer ser vivo". Ela é uma "Lei da Natureza", que observa os ciclos de mudanças e revezamento (Alternância) da própria vida natural. Ou seja, a natureza nos ensina (educação), que tudo nela se alterna, se reveza. Explicando melhor: para uma planta se desenvolver tranquilamente e produzir adequadamente ela precisa só de água? Só de sol? Só de frio???? É lógico que não. Pois mais do que ninguém, um agricultor quando planta um Pé-de-milho, ele observa vários fatores naturais, como por ex: o tipo de solo (fertilidade), as fases da luz, as estações do ano, a chuva, o calor, o frio, etc. . . Isto quer dizer que muitos fatores naturais influenciam direta ou indiretamente na vida e no comportamento, tanto das plantas, quanto dos animais. . . Então, a própria natureza possui, dentro dela, um "jeito natural" de educação, não é mesmo???

Pois dentro dela, nem tudo é só noite ou escuridão, nem tudo é sol ou calor, nem tudo é chuva ou água, mas existe uma "dosagem" (integração) significativa entre a própria vida da natureza e os próprios fenômenos naturais. . .

Por isso que a educação das CFRs, se baseia num método natural de educação. Pois a vida do aluno não se baseia apenas em estudo ou reflexão, não é só aula e teoria, não é só escola e professor, não é só trabalho ou práticas, mas é, sim, estudo e prática, ação e reflexão, experiência e teoria, problema e resolução (solução), escola e vida, dor e alegria, amor e trabalho. . .

E a Alternância é aquela que dá um sentido lógico para a educação do jovem da roça. Ou seja, com a Alternância, o aluno fica uns dias estudando e refletindo (na ESCOLA) e uma outra temporada experimentando e praticando (na ROÇA). Assim a Alternância ensina que a educação é uma "SABEDORIA" que existe na própria vida das pessoas, dos seres vivos e da natureza. E é preciso o HOMEM descobrir, com sabedoria, "como" e "quando" se deve alternar, pois é preciso fazer a "divisão do tempo", sabendo dedicar um tempo específico para cada coisa, para cada problema, obedecendo os valores culturais-naturais de cada vida, de cada povo, de cada aluno; respeitando os seus ciclos básicos, os seus equilíbrios, as suas qualidades e capacidades de integração, de conhecimento, de aprendizagem. . . Levando

em conta que a vida deve refletir a escola, e que a escola deve ser a vida e que a natureza é a "Mãe-geradora" das duas. . .

O método de Alternância proporciona:

a) Quando o aluno fica uma semana no prédio escola:



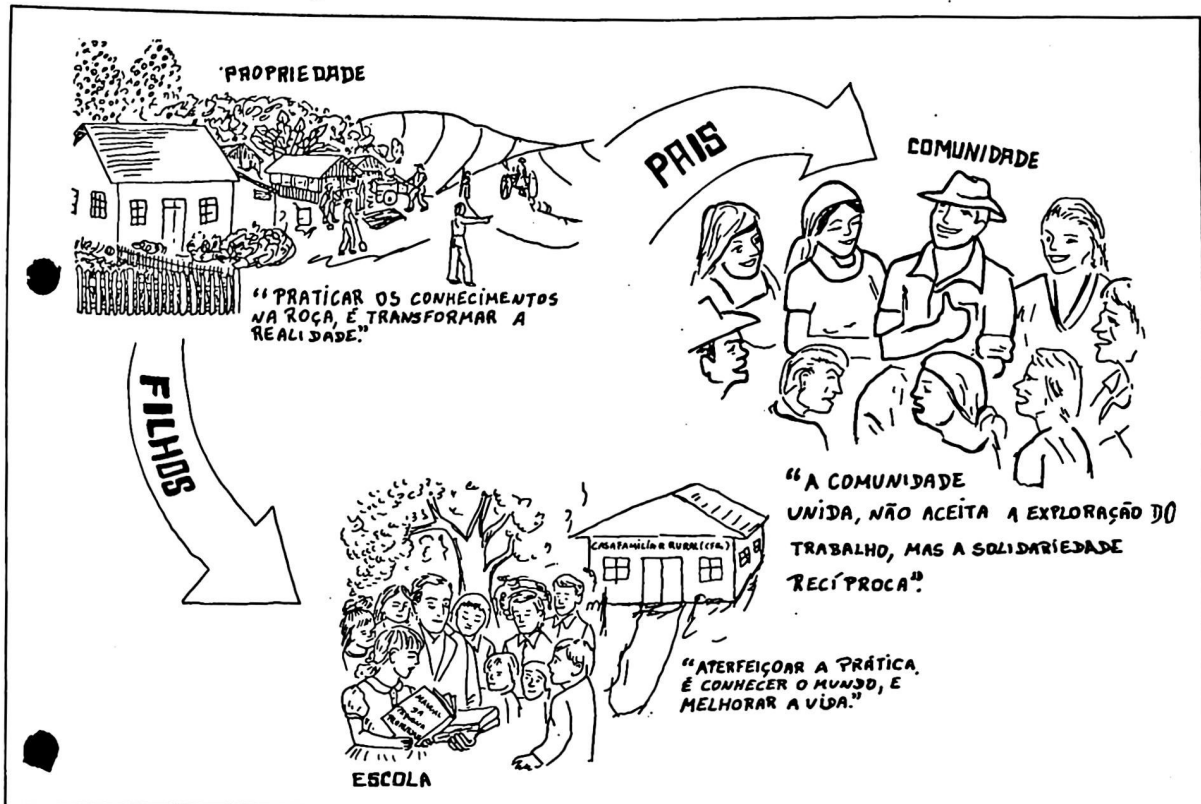
- . REFLEXÃO
- . ESTUDOS TÉCNICOS E CIENTÍFICOS
- . APROVEITAMENTO DAS EXPERIÊNCIAS PRÁTICAS DA VIDA

b) Quando o aluno passa duas semanas com a Família (roça):



- . Aplica na prática os conhecimentos recebidos na escola;
- . Procura fazer e criar novas experiências;
- . Toma maior consciência da vida e resolve os problemas.

"UMA BOA EDUCAÇÃO SÓ SE CONQUISTA COM MUITA LUTA, ORGANIZAÇÃO E CONSCIÊNCIA DE CLASSE"



O amigo leitor deve estar lembrado artigo publicado no "Cambota" junho de 85, sobre o principal método de educação das CFRs (Escola Agrícola), chamado de "Alternância".

A reflexão estava baseada encima "como" acontece a educação dos alunos dentro desse tipo de escola. seja, o segredo da educação na escola chamada CRFs, é o "Vai-Vem", que os alunos estabelecem entre o ESTUDO (no prédio da escola) e a PRÁTICA-AGRÍCOLA (no trabalho normal da roça). Quer dizer, a educação acontece com a reflexão na sala de aula e o trabalho feito na roça. . .

Portanto, os estudos são realizados sempre de acordo com a vida e a realidade dos alunos.

Por sua vez, os MONITORES (professores), têm a função e o compromisso de atender aos interesses dos alunos, ajudando-os a resolverem seus problemas, no aprofundamento e puri-

ficações de sua cultura, dos seus valores e de sua prática de vida.

Neste sentido, os Monitores são os animadores e orientadores que ajudam os alunos a descobrirem cada vez mais o mundo, compreendendo desde como funciona a sociedade, como ela está montada, como podemos e devemos agir diante das dificuldades, dos problemas, da opressão e exploração que nos impõem o sistema em que estamos vivendo. Saber o "como" e o "porquê" este sistema (capitalista), invadiu nossa vida, nossa casa, nossa terra, nossa cabeça, nosso sangue. . .

Por isso que se diz que esse processo de Educação deve estar enraizado com a vida social-política-econômica-cultural da população. Ou ainda, a Educação é uma força viva e dinâmica, crítica e criadora, que envolve a participação ativa da comunidade, dos Pais e da Escola. (Veja desenho acima)

Entendo que a Escola deve ser a-

quele ambiente saudável, onde todos se sintam bem, onde os alunos possam se descobrir e viver. Lugar este, onde se elabora o saber mais sistemático, onde se valoriza (purifica) a cultura, onde se aprende a ser democrático, político e consciente; enfim, lugar de SOLIDARIEDADE e CONVIVÊNCIA.

Por outro lado, o trabalho na roça, as experiências práticas, são luzes que iluminam e orientam os estudos científicos da escola. Pois é na prática que se reflete a vida, é fazendo a experiência que se busca aperfeiçoá-la, é vivendo na sociedade que se busca transformá-la ou mantê-la. . .

Então, "Praticar e Estudar, Fazer e Analisar a Prática-Agrícola, buscando aperfeiçoá-la, não é uma questão de privilégio, mas, sim, uma questão de organização vital, de consciência de classe, de sabedoria popular, de método, luta e resistência na 'mão' e na 'cabeça' do trabalhador rural. Sabino.